

## A CONSTRUÇÃO DA MULHER: UM OBJETO DE VINGANÇA NOS USOS DO MITO DE PANDORA

*Hélio Ricardo Pimenta Brasil<sup>1</sup>*

### RESUMO

O caráter *sui generis* com que o feminino surge no mito de Pandora sugere uma concepção de “construção” da mulher ao invés de uma “criação”, fenômeno este cristalizado em um cenário de ambiguidades reforçado nas representações sobre o feminino e legitimado no seio de um domínio hegemônico masculino selando um histórico de exclusão e estigma contra a mulher.

**Palavras-chave:** mito, feminino, ambiguidades, construção.

### Abstract

The *sui generes* character that the feminine appears in the myth suggests a conception of “construction” of woman instead of a “creation”. This phenomenon is cristalized in a scenario of ambiguities, and reinforced in the representations of the feminine and legitimated in the core of a masculine hegemonic domain what confirms a historic exclusion and stigma against women.

**Key words:** myth, feminine, ambiguity, construction.

---

<sup>1</sup> Graduado em Pedagogia e graduando em História pela Universidade do Rio de Janeiro – UERJ. O presente artigo foi apresentado como trabalho final da disciplina de graduação Tópicos Especiais em História Cultural III sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Regina Cândido, e no II Encontro de Estudos Sobre o Mediterrâneo Antigo – NEA/UERJ/2013. E-mail: heliobrasil@bol.com.br.

“A verdadeira diferença entre a construção e a criação é esta: uma coisa construída só pode ser amada depois de construída, mas uma coisa criada ama-se mesmo antes de existir”. (**Charles Dickens**)

O mito de *Pandora* é uma verdadeira “caixa” aberta para múltiplas análises, sobretudo no que se refere ao *universo* feminino e suas ambiguidades. Minha intenção é refletir, baseado na narrativa mítica, qual a sua aplicação na sociedade contemporânea na qual se verifica que o tratamento reservado ao gênero feminino é basicamente o mesmo dispensado ao longo da história. E o que justificaria tal *tratamento*? O caráter *sui generis* com que a mulher foi “criada” no mito? Não seria o caso de estarmos lidando com uma “construção” da mulher ao invés de uma “criação”<sup>2</sup>? Baseado nesse pressuposto, poderíamos inferir que no imaginário por trás do mito estaria posto que não se trataria meramente do gênero masculino atribuindo à mulher a *construção* de um papel de *objeto subordinado e dominado* na sociedade dos homens, mas sim conceber que ela mesma já veio *construída* para desempenhar tal papel. Se imaginarmos que hipóteses como estas brotaram, ou foram urdidas, no seu inconsciente e moldaram o pensamento masculino ao longo do tempo, dessa forma o homem estaria apenas reproduzindo as ações de domínio, castração e violência legitimado pelos “inventores” da mulher. Passemos, então, ao mito.

O mito de *Pandora* – *πανδώρα, panta dora*, “que tem todos os dons”, ou *pantôn dora*, “que tem dom de todos os deuses” – é descrito por Hesíodo em sua *Teogonia* e em *Os trabalhos e os dias*, obras que relatam a criação da mulher pelos deuses Hefesto e Atena, incumbência recebida do próprio Zeus, sendo ela criada à semelhança das deusas imortais, cujo destino seria o de *punir* a raça humana (GRIMAL,

---

<sup>2</sup> Na ausência de uma melhor distinção entre os termos *construção* e *criação*, nos apropriaremos do pensamento de Dickens e consideraremos, neste caso, que à coisa *construída* demonstramos amor, afeto, respeito, reconhecimento, valor... condicionais; enquanto que à coisa *criada*, estas mesmas demonstrações, mas de forma incondicional. Logo, se considerada como uma *construção* dos deuses, a relação do homem com a mulher se daria regida por condicionalidades, onde as condições são arbitradas pelo homem.

2000). Hefesto criou-a da mistura da argila com água; Atena vestiu-a de branco com um adorno de flores numa coroa de ouro.

Também outros deuses do Olimpo contribuíram para essa criação (PUGLIESI, 2003; VERNANT, 2000). Atena ensinou-lhe a tecer; Afrodite, o encanto para despertar o desejo dos homens; as Cárites deram-lhe um colar de ouro, e Hermes – o mensageiro dos deuses – “uma mente despudorada e uma natureza enganosa”. Zeus ordenara a Hefesto que, ao criar a mulher, ali infundisse fala e força humanas e “a esta mulher chamou *Pandora*, porque todos os que têm olímpica morada deram-lhe um dom, um mal aos homens que comem pão”<sup>3</sup>. (HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*, 81-83)

Zeus, então, entrega-lhe uma jarra (*phitos*) – algumas versões falam de uma caixa (*pyxis*) – bem fechada, ordenando-lhe que jamais a abraze, e que a levasse para o jovem Epimeteu – “aquele que reflete tarde demais”. Prometeu, “aquele que vê o futuro”, instrui seu irmão Epimeteu a não aceitar nenhum presente da parte dos deuses, mas este rejeita o conselho e a toma por esposa. A jarra é aberta por *Pandora* e são liberados todos os males contidos nela que se espalham rapidamente pelo mundo afligindo toda a humanidade. Somente a esperança (*ἐλπίς*) restou no interior da jarra (GRIMAL, 1985).

De acordo com o mito, a história de *Pandora* surge a partir de uma “vingança” de Zeus contra Prometeu que teria furtado uma centelha do fogo do Olimpo sem o consentimento dos deuses para dá-lo aos homens. A punição para Prometeu foi a de que ele ficaria acorrentado a uma montanha onde teria seu fígado comido todos os dias por uma águia; porém, este órgão se regenerava todas as manhãs. A punição para os homens viria por meio de *Pandora* que levava consigo uma jarra contendo todos os males que afligiriam a humanidade, pois “os humanos viviam sobre a terra sem contato com males (...). Mas a mulher, removendo com as mãos a grande tampa de

---

<sup>3</sup> Tradução de Alessandro R. de Moura.

um jarro, espalhou-os, e preparou amargos cuidados para os humanos”. (HESÍODO. Os trabalhos e os dias, 90-95)<sup>4</sup>

Vernant (2000, 75) observa que: “Na casa de Epimeteu, como na de todo lavrador grego, há uma quantidade de vasos e, entre eles, um grande, escondido, no qual não se pode tocar”. Algumas versões do mito descrevem que Epimeteu guardava a “jarra de Pandora” entre duas gralhas cuja finalidade seria manter qualquer pessoa afastada, com a certeza de que elas anunciariam qualquer um que se aproximasse. No poema *Ilíada* (XXIV, 527-528), Homero menciona que no limiar da morada de Zeus repousam duas vasilhas cheias de destinos, uns bons, outros maus, o que nos sugere que Zeus mantinha o controle e equilíbrio sobre o *bem* e o *mal*; a raça humana passou a estar sujeita a ambos por causa da mulher, sem ter o domínio do bem e do mal, o que justificaria a necessidade da *esperança*.

É dessa narrativa do mito, a que aponta *Pandora* como a causadora de toda a sorte de males entre os homens trazendo o infortúnio à sociedade humana, que é retirada a matriz também para o pensamento da sociedade moderna que acompanha a lógica da construção histórica da mulher como sendo apenas um objeto de diferentes relações, subordinadas ao poder hegemônico masculino. Assim, a prática de uma série de mecanismos político-culturais – que denunciam a postura de dominação masculina – estaria justificada em função da própria *natureza inferior* da mulher e legitimada por uma tradição que define o “papel” do *feminino* por parte da figura masculina. A própria estrutura familiar mais tradicional que coloca o homem como “chefe” da casa, na sociedade grega da Antiguidade, imputa à mulher, ao longo da história, o papel imposto a ela de cuidadora do lar, enquanto ao homem, o de provedor. Nólibos (2012) descreve que o modelo grego obedecia aos seguintes termos:

“(…) o paradigma de comportamento feminino inteiro, que implica desde ser virgem, ser reclusa ao interior do oikos,

---

<sup>4</sup> Idem.

passar de propriedade do representante legal/pai diretamente para o marido, ser fértil e gerar filhos legítimos para a linhagem do homem, até ser silenciosa, submissa e leal”. (NÓLIBOS, 2012, 292)

Vários autores consideram que o “modelo grego” a que Nólíbos se referiu está arraigado política e culturalmente na vertente judaico-cristã do mito da criação. No mito hebraico, existe a versão de que Yahvé criou Lilith, como a Adão, porém, no lugar de usar terra limpa, “tomou a sujeira e sedimentos impuros da terra, e deles formou a mulher”, sendo esta a primeira esposa de Adão, mas por desejar sua independência e igualdade com Adão, foi rejeitada por Yahvé, que criou Eva, não mais da terra, mas da costela de Adão. O mito de Lilith foi silenciado e é quase *estranho* na cultura cristã ocidental, justamente porque Lilith é representada como uma *igual*. Eva, no entanto, a primeira mulher criada da “costela de Adão” e não da terra, é *culpada* pelo “pecado original” que atingiu a humanidade, e esta *sina* a aproxima de *Pandora*.

Tedeschi (2008) considera que, tanto o discurso de matriz filosófica grega, quanto o da moral cristã medieval são fundamentais para se compreender tais representações construídas ao longo da história sobre o feminino. O primeiro discurso pensava a mulher como um objeto à mercê do controle do homem. Representações estas que, segundo o autor, é possível perceber no pensamento filosófico de Platão, Aristóteles e Hipócrates que, por meio de um discurso masculino sobre o corpo feminino, construíram mitos que justificavam a inferioridade e a fragilidade feminina.

É preciso destacar o fato de que, modernamente, o *papel* de objeto a que está atrelada a figura da mulher, tem-se prestado principalmente como meio de exploração sexual e o mito de *Pandora* evocaria essa ambiguidade devido a sua própria “natureza”, afinal, Afrodite não lhe deu encanto para despertar o desejo dos homens e Hermes, uma mente despudorada?

Considerada um símbolo sexual das décadas de 1950-1960, Brigitte Bardot encarnou o mito da mulher desejada, uma *Pandora* do cinema. Em pleno século XXI, a indústria da exploração da mulher como objeto é destaque nos *reality shows*, no turismo sexual e tráfico de mulheres, o que nos permite, por exemplo, conviver com algumas contradições e conflitos de interesses comerciais, como emissoras exibindo uma reportagem contra a prostituição infantil (ou tráfico de mulheres), ao mesmo tempo em que mantém na sua grade programa(s) de conteúdo de “prostituição velada”, sempre com depreciação da imagem da mulher.

O segundo discurso, a que se refere Tedeschi (2008), calcado no modelo judaico-cristão, foi determinante na definição do lugar ocupado pela mulher na Igreja, na sociedade e na cultura ocidental, reforçando, assim, as desigualdades de gênero. Toda essa problemática é vivenciada modernamente pela mulher em todas as partes do mundo, conforme podemos observar na matéria da Revista *Veja*<sup>5</sup> ao destacar as opiniões de Françoise Gaspard, socióloga e perita da ONU a respeito das principais violações aos direitos das mulheres no mundo. Gaspard comenta que, no desrespeito pelos direitos humanos em todo o mundo, as principais vítimas ainda são mulheres de várias idades, raças e nacionalidades.

“São elas as que mais sofrem com problemas como mortalidade materna, violência doméstica, escravidão moderna, tráfico de pessoas, prostituição, turismo sexual, estupro, mutilação genital, casamento forçado e precoce, falsa igualdade política e profissional”.

Ao traçar diferentes momentos históricos em que a sociedade enxergava o comportamento feminino e criava representações para as mulheres, Tedeschi (2008) irá identificar os discursos legitimadores da inferioridade "natural" das mulheres e concluir que

---

<sup>5</sup><http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/as-principais-violacoes-aos-direitos-das-mulheres-nomundo><acessado em 10/02/2013>

“(…) a desigualdade de gênero passa a ter um caráter universal, construído e reconstruído numa teia de significados produzidos por vários discursos, como a filosofia, a religião, a educação, o direito, etc., perpetuando-se através da história, e legitimando-se sob seu tempo”. (TEDESCHI, 2008, 123)

De acordo com dados da ONU<sup>6</sup>, seguem alguns exemplos de tendências e padrões identificados contra a mulher nos últimos anos:

- Prisões arbitrárias de mulheres;
- Desaparecimentos ou raptos de mulheres;
- Aplicação discriminatória das sanções contidas na legislação com base no gênero, incluindo castigo corporal e capital;
- Atitudes estereotipadas em direção ao papel e às responsabilidades das mulheres;
- Violência doméstica;
- Casamentos forçados e estupro marital;
- Formas contemporâneas de escravidão, incluindo o tráfico de mulheres e meninas;
- Assédio sexual a mulheres no local de trabalho;
- Práticas de emprego com base no gênero, incluindo salário desigual; etc...

Em artigo intitulado “Lei Maria da Penha, pelo direito da mulher a uma vida sem violência”<sup>7</sup>, Márcio Batista de Oliveira comenta:

“Nessa breve caminhada pelos séculos até a chegada ao século XIX não existia qualquer menção ao termo violência de gênero, nem qualquer punição contra quem a praticava. O assassinato

<sup>6</sup><http://www.onu.org.br/onu-mulheres-recebe-denuncias-de-injusticas-evilacoes-dos-direitoshumanos-das-mulheres-em-todo-o-mundo> <acessado em 10/02/2013>

<sup>7</sup>[http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=9787&revista\\_caderno=3](http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9787&revista_caderno=3)

praticado pelo marido que suspeitava de traição não era punido, pois estaria lavando sua honra”.

Atos de violência como este motivaram, no Brasil, a criação da Lei Maria da Penha - Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Portanto, as evidências apontam que ainda hoje a mulher não alcança uma condição natural de paridade com o homem porque nunca foi reconhecida como uma “igual” ao longo da história. Em relação ao mito, Vernant (1992) corrobora com esse pensamento ao considerar que “Pandora pertence à espécie humana; mas funda um  $\gamma\epsilon\nu\omicron\zeta\ \gamma\upsilon\nu\alpha\iota\kappa\omega\nu$ , uma raça de mulheres, que não é exatamente a dos machos sem ser completamente outra coisa”. (VERNANT, 1992, 169)

O mito de *Pandora* nos sinaliza que a mulher é vítima, então, de uma ambiguidade que irá legitimar uma série de castrações impostas a ela, em função de sua condição “suspensa”, ou seja, criada ou construída pelos deuses sem ser uma deusa, para conviver com os homens sem ser um deles, como que predestinada a viver em um verdadeiro *purgatório* social. Diante dessa situação que a angustia, Vernant (1992), citando Hesíodo, conclui:

“E a palavra articulada que Zeus lhe conferiu como aos homens não lhe serve para dizer o que é, para transmitir a outrem a verdade, e sim para esconder o verdadeiro do falso, para dar existência, na forma das palavras, ao que não existe, para melhor enganar o espírito de seus parceiros masculinos (*Os trabalhos e os dias*, 78)”. (VERNANT, 1992, 169)

Assim como *Pandora* tem sua criação dissociada do universo masculino – como nos apontou a sua narrativa mítica – apesar de ter sido também criada da argila e água como o homem, esta recebeu o *estigma* da culpa por ter sido a portadora e disseminadora do mal entre os homens. Dessa forma, podemos compreender que a concepção patrilinear grega em que está edificada historicamente a lógica da sociedade, se encarregou de cristalizar esse *estigma* ao longo do tempo onde se verifica que o papel da mulher nas sociedades que vão emergindo ao longo da história,

vai também renovando/rememorando essa sua condição excludente da vida social ativa, ou seja, alguém com um papel social reconhecido. Portanto, passa a ser por meio de um histórico de lutas, geralmente solitária, que a mulher vai buscar esse reconhecimento e, invariavelmente, utilizando-se de, pelo menos, um de dois grandes atributos de *Pandora*: a beleza e/ou a persuasão! Porém, os registros de uma condição autônoma da mulher são muito escassos, o que explica o fato de que o silêncio e as lacunas são artifícios poderosos nas mãos de quem escreve a história.

“Na Grécia dos documentos literários, normalmente nos deparamos com figuras femininas de grande força dramática, como Helena, Penélope, Antígona ou Medeia(...), que podem ser consideradas domésticas, no sentido de viverem dentro do gineceu, e tomarem parte dos acontecimentos públicos apenas em situações de exceção. Conhecemos as mulheres livres muito menos, pois estas não constituíram narrativas privadas(...) e elas não compartilham do mesmo espaço na literatura que as mulheres comuns, vinculadas à casa, cujas desgraças a épica e a tragédia não se cansaram de narrar.

Vamos conhecer a existência mítica de mulheres livres através de raros textos, e usualmente em contraposição com aquelas que permaneceram fiéis às expectativas de papel social do seu sexo”. (NÓLIBOS, 2012, 292)

Notadamente, as épocas em que a religião representou um papel hegemônico, sua condição de *estigmatizada* tomou contornos ainda mais dramáticos, como na Idade Média sob a opressão da inquisição Católica ou, modernamente, nos Estados governados por uma ditadura islâmica, por exemplo, tornando todo esse processo de vitimização da mulher ainda mais notório e, ao mesmo tempo, mais silenciado.

Dessa forma, podemos concluir que a recorrência do mito de *Pandora* não mudou substancialmente ao longo da história, girando em torno de dois eixos principais: a justificação do domínio do homem sobre a mulher, devido à constituição de sua própria *natureza* e a “punição” com o *estigma* da culpa sobre ela pelos males trazidos à humanidade. Cabe-nos, portanto, muito mais do que apenas apontar os registros teóricos destas representações preconceituosas, estigmatizadoras e



NEARCO – Revista Eletrônica de Antiguidade  
2014, Ano VII, Número I – ISSN 1972-9713  
Núcleo de Estudos da Antiguidade  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

excludentes sobre a mulher, mas a desconstrução no cotidiano destes conceitos até aqui hegemônicos.

## **DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL**

HESÍODO. Os trabalhos e os dias. Curitiba: Segesta, 2012.

HOMERO. Ilíada. eBooksBrasil.com, 2003. Disponível em: <<http://abcdioses.noneto.com>>. Acesso em 17 ago. 2013.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

GRIMAL, Pierre. A mitologia grega. 3ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. Dicionário da mitologia grega e romana. 4ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

NÓLIBOS, Paulina. A diferença entre a mulher doméstica e a selvagem: menadismo nas bacas de Eurípides. In: CÂNDIDO, Maria Regina [org.] Mulheres na Antiguidade: novas perspectivas e abordagens. Rio de Janeiro: UERJ/NEA, 2012, p. 292-305.

PUGLIESI, Márcio. Mitologia Greco-romana: arquétipos dos deuses e heróis. São Paulo: Masdras, 2003.

TEDESCHI, Losandro Antonio. A história das mulheres e as representações do feminino na história. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.

VERNANT, Jean-Pierre. Mito e sociedade na Grécia Antiga. 2ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

\_\_\_\_\_. O universo, os deuses, os homens. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

**Artigo Recebido em: 30 de julho de 2013.**

**Aprovado em: 30 de janeiro de 2014.**

**Publicado em: 30 de abril de 2014.**